



Lala Deheinzelin

ECONOMIA CRIATIVA

Movimento para a criação de futuros desejáveis

Lala Deheinzelin é pioneira no Brasil e uma das especialistas mundiais em economia criativa. Presta assessoria a instituições, empresas e governos no país e no exterior, além de organismos multilaterais (Unesco). É proprietária da Enthusiasmo Cultural e fundadora do movimento ibero-americano Crie Futuros, que desenvolve metodologias e plataformas digitais para facilitar a criação de futuros desejáveis

O eixo do trabalho de Lala Deheinzelin é mostrar por que a economia criativa é estratégica no século 21. Para ela, “o futuro é fruto dos sonhos do passado e das escolhas do presente”. Confira a entrevista para *Fenae Agora*.

FA – Em que consiste a economia criativa?

Lala – Olhando imagens e visões do “passado do futuro”, fica claro que aquilo que vivemos hoje foi antes sonhado: telecomunicações, computação, carros, cidades,

medicina diagnóstica, formas de lazer. Essa realidade mobilizou nosso desejo e inseminou o presente. Agora, é a nossa vez de sonhar e criar novos modelos de vida e negócios que possam ser sementes de futuro e sirvam para orientar nossas escolhas do presente.

O modelo de vida que se organiza em torno do material, tangível e finito (terra, ouro e petróleo), está sendo substituído por um outro, onde o intangível desempenha papel cada vez mais central.

O modelo baseado na exploração dos recursos materiais, que são finitos, integra a economia de escassez e tem como valor a competição. Diferentemente disso, a cultura, o conhecimento e a criatividade são a matéria-prima de uma nova economia de abundância, potencializada pelas novas tecnologias e pela organização em redes e coletivos. A inclusão é um dos princípios básicos da economia criativa, que visa ampliar os modelos baseados em produção, distribuição e consumo. Economia criativa não lida com produto, mas com processo. Não contempla apenas o econômico, mas abarca também dimensões relacionadas ao cultural, ao simbólico, ao social, ao ambiental e até mesmo ao sensorial, auferindo graus sutis de satisfação. Foi daí que a economia criativa se consolidou como a grande estratégia de desenvolvimento sustentável para o século 21.

FA – Quais as diferenças entre a economia criativa e a de caráter tradicional?

Lala – Nossos sonhos do passado mostravam um futuro no qual a tecnologia e os produtos inventados eram a solução para tudo. Hoje, sabemos que a tecnologia é meio, não fim, e isso reforçou ainda mais a necessidade de processos: mudar o jeito de pensar e fazer. Resultado: passamos de consumidores a desfrutadores, a chave agora está na experiência, em desfrutar algo e não consumir esse algo.

Quando as pessoas caminham, uma perna serve de apoio e a outra avança. Ao pensar produtos e processos sustentáveis, a perna de apoio está no presente (os modelos e jeitos de fazer atuais), e a outra no futuro (ousar, experimentar, desenvolver novos modelos e maneiras de atuar). Basear-se apenas no presente como referência é andar para trás, já que o presente é a materialização das ideias e conceitos do passado. A perna que avança para o futuro considera como modelo a cooperação e não a competição, sabe que no futuro os limites entre linguagens e setores serão cada vez mais fluidos.

O modelo tradicional, com visão imediatista e de curto prazo, é o da economia de escala, com sua centralização e homogeneização (poucos produzindo para muitos). Agora, a solução sustentável está no modelo descentralizado, diversificado, a economia de nicho (muitos produzindo um pouco para muitos). Não mais a fábrica fazendo mil bolos iguais e concentrando poder em quem distribui, mas várias padarias da comunidade assando cem e distribuindo de

